



La voz de la mujer: um periódico de mulheres para mulheres (Argentina-1896-1897).

INGRID SOUZA LADEIRA DE SOUZA.*

I. Palavras Iniciais...

A presente comunicação é parte integrante da dissertação de mestrado que está sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UNIRIO). Tem como proposta principal problematizar o periódico *La voz de la mujer*, que circulou em Buenos Aires, capital da República Argentina, entre 1896 e 1897.

A pesquisa como um todo procura dar visibilidade ao periódico há muito esquecido e pouco explorado, colocando em foco as redatoras do jornal, as formas de organização das mulheres militantes, as ideias que defenderam, as lutas políticas que empreenderam e as mobilizações socioculturais que implementaram. Na problematização do periódico, buscamos analisar a situação social da mulher e as questões que mais sensibilizavam as redatoras.

Partindo do pressuposto que a organização de movimentos ligados às questões de gênero e sexualidade também fazem parte da história das sociedades, essa pesquisa, em sua globalidade, inscreve-se no campo da história social porque, entre outros, procura dar conta de um determinado grupo social, no caso, as mulheres anarquistas militantes na Argentina. No campo da história social, a pesquisa contempla os estudos sobre História das Mulheres, uma vez que se propõe a analisar a condição feminina e a luta das mulheres libertárias argentinas em fins do século XIX.

Sendo assim, o periódico *La voz de la mujer* torna-se objeto e fonte privilegiada da pesquisa, uma vez que se pretende traçar o seu perfil, bem como captar a subjetividade dessas mulheres, as quais ainda não foram totalmente identificadas, embora tenhamos conhecimento de alguns dos seus pseudônimos. Com a recuperação desse periódico desejamos sua valorização, considerando que ele é pioneiro na luta pela emancipação feminina e o único até agora registrado escrito por mulheres para mulheres.

* Mestranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. (PPGH- UNIRIO).

II. *La voz de la mujer*: anarquista e pioneiro

Os periódicos, as edições de caráter político-ideológico, a imprensa escrita em geral, são, desde a Revolução Francesa, uma forma de organização e luta política. A imprensa, mais especificamente os periódicos operários, cumpria a função de organizar e aglutinar as ideias dos grupos e difundir suas ideologias quando os mesmos tinham alguma. No caso argentino, essa difusão de ideias ficou conhecida como movimento periodista. O periodismo apareceu como atividade de ajuda que permitia influir na sociedade e ao mesmo tempo construir um conjunto de representações sobre os grupos que estavam em formação.

Inserido nessa onda de periódicos libertários que surgiram na Argentina no final do século XIX, encontra-se o periódico *La voz de la mujer*. O jornal surgiu com uma proposta social diferente dos demais periódicos que compunham o cenário da imprensa argentina na época, tanto no que se refere a grande imprensa quanto à imprensa operária. Embora outros periódicos trouxessem a questão da mulher para suas pautas, discutindo a situação social da mulher na época, o *La voz de la mujer* priorizava a mulher, ou seja, era um jornal redigido e organizado por mulheres e voltado para as mulheres. Todas as pautas do jornal eram direcionadas para a conscientização da mulher, que, segundo as articulistas, deixaria de ser apenas uma mulher e se transformaria na mulher libertária, disposta a lutar por sua emancipação. O jornal pretendia inserir a mulher num horizonte intelectual capaz de levá-la a refletir sobre as condições históricas da sua dominação.

O primeiro exemplar do *La voz de la mujer* entrou em circulação no dia 08 de Janeiro de 1896 e encerrou suas atividades no dia 01 de Janeiro de 1897. No primeiro número do jornal J. Calvo (Josefa Calvo) aparece como diretora. A partir do segundo número, A. Bacla assume a diretoria do periódico que possui um grupo de mulheres fixas que produziam conteúdos para publicação, trata-se de duas mulheres em específico: Josefa M. R. Martinez e Pepita Guerra. No seu corpo de colaboradores aparecem dez articulistas, que são: Una Striratrice, Carmem Lareva, Rosario de Acuña, Milna Nohemi, Luisa Violeta, Tulio el Burgués, Esther Buscaglia, Soledad Gustavo, E. Heine, J.C., Maria Muñoz.

Foram editados nove exemplares, sendo o periódico financiado por subscrição voluntária- doações de leitores-, e por ajuda de pequenas gráficas conhecidas das redatoras e que apoiavam a emancipação da mulher. Apesar da produção por pequenos grupos militantes e

periodicidade irregular, a tiragem girava em torno de mil e duas cópias conforme consta na prestação de contas publicada sempre na última página de cada exemplar. Vale ressaltar que a distribuição, grosso modo, era feita por homens que apoiavam a causa da emancipação da mulher. (MOLYNEUX, 1997:17)

O periódico seguia uma corrente do anarquismo crescente na Argentina, o comunismo-anárquico, sistematizada por teóricos como Kropotkin e Malatesta. Kropotkin expôs em seu livro *A Conquista do Pão*, o que a corrente sintetizava:

Toda sociedade que tiver rompido com a propriedade privada é obrigada, no nosso entender, a organizar-se em comunismo anarquista. A anarquia conduz ao comunismo, assim como o comunismo leva à anarquia, sendo ambos a expressão da tendência das sociedades modernas para a procura da igualdade. (KROPOTKIN, 2011:31).

Para compor o quadro teórico do periódico, tanto as redatoras como as colaboradoras estavam lendo, naquele contexto de propagação das ideias libertárias, principalmente as mulheres anarquistas como Emma Goldman e Louise Michel, com quais as redatoras estavam se correspondendo. Outros teóricos libertários que se preocupavam com a emancipação feminina e com os assuntos que diziam respeito à mulher também estavam sendo lidos. Bakunin, Kropotkin e Malatesta preocupavam-se com uma nova formação para homens e mulheres.

[...]se preocupavam com a formação de um novo homem, de uma nova mulher, de novas relações afetivas e sexuais, da reconstrução da organização familiar, enfim uma nova moral, fundada num projeto pedagógico próprio cujo compromisso maior seria a solidariedade- caminho seguro para a conquista da igualdade, da liberdade, do amor, do saber, da felicidade. (MARTINS, 2000:59).

Em seu primeiro número, o periódico *La voz de la mujer* veiculou um editorial chamado *Nuestros propósitos: Compañeros y Compañeras ¡Salud!* que evidenciava sua revolta em torno da posição social da mulher, tanto como esposa e mãe, quanto como agente social. Esse editorial afirmava os propósitos do periódico:

[...] Hastiadas ya de tanto y tanto llanto y miseria, hastiadas del eterno y desconsolador cuadro que nos ofrecen nuestros desgraciados hijos, los tiernos pedazos de nuestro corazón, hastiadas de pedir y suplicar, de ser el juguete, el objeto de los placeres de nuestros infames explotadores o de viles esposos, hemos decidido levantar nuestra voz en el concierto social y exigir, exigir décimos, nuestra parte de placeres en el banquete de la vida. (LA VOZ DE LA MUJER, 8 jan. 1896:1)

Analisando o editorial podemos notar presença de um despertar de consciência por parte dessas mulheres. Perceberam em algum momento que precisavam reivindicar seu lugar na sociedade e usufruir dos seus prazeres. Através do jornal que estavam iniciando, como uma primeira experiência de luta, procuravam se firmar como mulheres que pensam, que agem e que podem estar em posições de igualdade com os homens.

O segundo exemplar do jornal indicava que a criação do periódico foi mal recebida por alguns anarquistas, os quais teceram duras críticas às mulheres redatoras. Em resposta às críticas recebidas, as articulistas decidiram expor sua indignação a esses críticos e publicaram o artigo *¡Apareció Aquello! (A los escarabajos de la idea)*, no qual acusavam os anarquistas de não desejarem a emancipação da mulher, de não serem realmente comprometidos com os ideais do projeto libertário.

Pero es preciso señores congrejos y no anarquistas, como mal os llamáis, pues de tales tenéis tanto como nosotras de frailes, es preciso que sepáis de una vez que esta máquina de vuestros placeres, este lindo molde que vosotros corrompeis, ésta sufre dolores de humanidad, está ya hastiada de ser un cero a vuestro lado, es preciso, ¡oh!, ¡falsos anarquistas! que comprendáis una vez por todas que nuestra misión no se reduce a criar vuestros hijos y lavaros la roña, que nosotras también tenemos derecho a emanciparnos y ser libres de toda clase de tutelaje, ya sea social, económico o marital. (LA VOZ DE LA MUJER, 31 jan. 1896:1)

O periódico tratava questões de opressão vivenciadas pelas mulheres em diversas dimensões, como a matrimonial, sob a máxima de que as mulheres tinham que se unir ao homem que desejassem, por motivos próprios e não por interesse econômico, aliança comercial ou acordo familiar. Outras questões que ficam claras no periódico são as condições de trabalho e a luta por melhores salários, evidenciando a opressão e exploração dos patrões.

O tema do amor livre também aparece de forma constante. Intimamente relacionado à questão matrimonial, abrange, também, a libertação da mulher da opressão religiosa e sua emancipação em diversas dimensões do vivido, incluindo a sexualidade feminina. Podemos e devemos observar que, para as libertárias, todas essas questões estão articuladas de alguma forma, uma vez que na sociedade estabelecida são manifestações da dominação masculina, perpassadas pelo Estado, pela Igreja e pelo Capital.

Os artigos publicados no periódico afirmam que somente a Anarquia podia ser um meio possível de libertação, no que tange vários momentos. Em diversos exemplares as mulheres são

convocadas a unir-se à causa e defender os interesses dos anarquistas, os interesses dos seres humanos que desejavam transformação, que desejam uma sociedade mais justa e igualitária, longe da burguesia opressora e do capitalismo explorador.

As mulheres anarquistas afirmavam que apesar de os homens anarquistas proclamarem a liberdade, a revolução do espaço público, não a faziam dentro de suas casas, lavando a louça, retirando o lixo, ou criando seus próprios filhos, no espaço privado. Ou seja, contestavam o homem anarquista que, apesar de defender uma série de mudanças nos papéis sociais-sexuais no interior do lar, permanecia preso aos padrões tradicionais.

A questão da sexualidade feminina também foi objeto privilegiado nas reflexões empreendidas pelas mulheres libertárias responsáveis pela edição do *La voz de la mujer*. Ligada sempre à questão do amor livre, do desejo, da experiência amorosa.

Segundo as libertárias, de alguma maneira, a mulher, dependente do homem, estava ligada sexualmente somente a ele, sem qualquer oportunidade de viver experiências fora daquela realidade. Defensoras do amor livre, da livre união e livre desunião, as libertárias debatiam a sexualidade da mulher, mostrando que ela não poderia ficar presa a um casamento infeliz.

A exploração fabril se apresentava, nessa época, com uma enorme responsabilidade no sentido da exploração dos trabalhadores. Era uma atividade econômica relevante e principal veículo de exploração da burguesia. A necessidade constante de se produzir capital, acabou gerando grandes fendas na sociedade, como a divisão das classes, e essa também era uma preocupação das mulheres anarquistas. Para elas, quando a burguesia exercia esse papel acabava virando um animal perigoso. No próprio número de lançamento do jornal aparecia uma passagem afirmando que a burguesia era como um animal que depois de matar a sua vítima contemplava seu sofrimento e ainda explorava sua carne morta.

¿Habéis visto u oído decir, cual se revuelca trémula, delirante de goce, la hiena después de hundir hocico em lãs entrañas de la víctima, y la contempla inerme y aspira com anhelante delicia los vapores de la sangre en tanto que se revuelca em ella?(LA VOZ DE LA MUJER, 8 jan. 1896:4).

Outra questão fundamental na luta das mulheres anarquistas era a opressão clerical. A Igreja tinha um papel importante na vida das mulheres trabalhadoras da Argentina, muitas vezes

era para a Igreja que a mulher refugiava-se quando acontecia algo com ela e o marido em suas casas. E por meio da confissão, acabava por dividir seus mais íntimos sentimentos com o clérigo e por consequência disso sofria opressão por aquele que deveria lhe dar o alento. Nesse sentido, a confissão era uma arma poderosa da Igreja para controlar e submeter a mulher, instrumento de opressão e dominação, contrário à liberdade por sujeitar e expor o confidente ao confessor. (MARTINS, 2007:165).

III. As mulheres libertárias na Argentina.

No fim do século XIX e início do século XX, as mulheres começaram a sair do âmbito familiar/doméstico e se inserir no mercado de trabalho impulsionadas, entre outros, pela chegada dos imigrantes europeus. Alguns setores viam essa inserção de maneira negativa, uma vez que provocava a desarticulação da vida familiar e social. (LOBATO, 2000:245).

Em um censo realizado na década de 80 do século XIX, as mulheres estavam aglomeradas em atividades que começaram a ser definidas como tradicionais e que se encontrava registradas nos censos de 1869 e 1895. Segundo a pesquisadora Maxine Molyneux, há registro, também, que aumentava o número de mulheres trabalhando como professoras, caso, inclusive, de algumas colaboradoras do periódico *La voz de la mujer*. Da mesma forma, expandia o número de mulheres trabalhadoras nas indústrias argentinas:

[...] concentración de mujeres en algunas actividades industriales, por ejemplo en las fábricas de fósforos, en las de cigarros y cigarrillos y en los frigoríficos. Con la expansión de otras ramas industriales en el período de entreguerra la mano de obra femenina fue dominante en la industria têxtil. (LOBATO, 2000:246)

Na década de 1880 as mulheres começaram a entrar em conflito com seus patrões, o que significava a transição das mulheres da esfera privada, que seria o ambiente familiar/doméstico, onde a mulher ficava subjugada ao pai, depois ao marido e aos filhos, e passava a se destacar como agente social na esfera pública, na qual a mulher ganhava destaque com o seu trabalho. Os conflitos que se sucederam não foram numerosos, entretanto acabaram por chamar atenção da imprensa como um todo, como afirma Mirta Lobato:

Los conflictos protagonizados por la mujeres aunque no fueron numerosos eran lo suficientemente llamativo para atraer la atención de la prensa, tanto de las empresas periodísticas como las aquellas que contribuían a dibujar los contrapúblicos subalternos y en donde incluyo a los periódicos anarquistas y socialistas, las hojas feministas y a los inestables periódicos gremiales. (LOBATO, 2000:247)

As páginas desses periódicos, tanto da grande imprensa quanto da imprensa operária passaram a ficar repletas de informações sobre as mulheres, dando um destaque a sua atuação no que diz respeito ao trabalho. Qualquer informação, por menor que ela fosse ganhava destaque e informava ao leitor sobre a situação de determinada manifestação e protesto protagonizadas pelas mulheres.

Ainda no que dizem respeito a essas manifestações, as trabalhadoras começaram por exigir melhores condições de trabalho e a jornada diária de oito horas. Exigiam, também, de seus patrões, o respeito, pois era prática comum a mulher ser assediada sexualmente em seu local de trabalho. (LOBATO,1993:65). O sexo, portanto, era um diferencial na esfera da produção, e as militantes clamavam pelo fim do aviltamento moral que patrões e encarregados impunham às trabalhadoras com a prática do assédio sexual.

A presença de militantes socialistas, anarquistas e de grêmios, que seriam uma espécie de embriões dos sindicatos, passou a ser comum entre as manifestantes, dando mais visibilidade a situação na qual se encontravam a mulher trabalhadora. Foi nesse contexto que emergiu o periódico *La voz de la mujer*.

Os grêmios começaram a surgir exclusivamente para mulheres, se organizaram em sindicatos e começaram um movimento feminista, impulsionado pelas socialistas. A mulher socialista buscava reformas, ou seja, eram reformistas, identificando-se com as instituições formais de política e governo. Buscavam o apoio em leis que respaldassem de maneira firme e precisa os direitos das mulheres, como as oito horas de trabalho, a proibição da exploração da mão-de-obra de adolescentes e crianças no trabalho noturno, um descanso na semana, a proibição do trabalho a partir do quarto mês de gravidez.

Assim, as socialistas buscavam nas próprias instituições do Estado uma forma de resistir em meio ao operariado; resistir no sentido de garantir seus direitos por meio da autoridade estatal, além do que as socialistas se diziam feministas.

As mulheres anarquistas não eram reformistas. Pelo contrário, eram revolucionárias. Como reformistas precisariam participar do jogo político do Estado, por meio dos canais formais e institucionais de poder. O anarquismo desejava romper com qualquer forma de

autoridade, principalmente a estatal, devolvendo a homens e mulheres o poder decisório sobre seu próprio destino. Criticavam e condenavam o jogo político-parlamentar.

As libertárias buscavam ampliar o papel da mulher nas lutas sociais, defendiam a igualdade social e a transformação radical da situação das trabalhadoras. Mesmo distante dos canais formais e institucionais, pretendiam destruir a sociedade vigente e construir uma sociedade outra fundada num arranjo onde homens e mulheres teriam autonomia para intervir no seu cotidiano. Não queriam apenas melhorias das condições materiais de vida, buscavam emancipar-se daquela sociedade na qual se encontravam.

As militantes anarquistas acreditavam na força de uma educação capaz de despertar a consciência crítica da mulher para combater os valores que tradicionalmente a hostilizavam, limitando sua ação transformadora. A emancipação feminina haveria de ser uma obra própria da mulher, a partir da educação, do trabalho e da ação direta. Somente assim a mulher seria capaz de assumir as rédeas do seu próprio destino, ser a protagonista da sua própria libertação.

A mulher socialista era criticada pelas mulheres libertárias que editavam o periódico *La voz de la mujer*. Isto porque a mulher socialista se dizia integrante do movimento feminista e as mulheres libertárias não se identificavam com as principais bandeiras de luta desse movimento, como por exemplo, a transformação gradativa da sociedade vigente por meio da ação política e do voto universal.

As mulheres libertárias que fundaram o periódico *La voz de la mujer* estavam sendo influenciadas pelas concepções de várias mulheres anarquistas, como Emma Goldman e Louise Michel, que discutiam fundamentalmente a emancipação feminina e temas correlatos como o amor livre, o matrimônio voluntário, a maternidade voluntária, a influência da Igreja sobre as decisões da mulher. Igualmente a outros periódicos que circulavam na imprensa libertária naquela época, as mulheres anarquistas do *La voz de la mujer* debatiam textos do movimento anarquista europeu e traduziam escritos de teóricos para discussões coletivas entre as mulheres. Sua maior preocupação, porém, era com a emancipação da mulher, e com o bem-estar da mulher na sociedade.

A emancipação feminina era uma preocupação corrente nas páginas do periódico libertário. Para melhor entendermos essa ideia no interior do movimento anarquista, podemos afirmar que alguns libertários pensavam que a mulher deveria se emancipar sim, mas através

do homem, ou seja, seguindo os caminhos indicados por eles. Esses caminhos fariam com que a mulher fosse responsável por sua própria militância, prevalecendo, porém, o princípio ativo da dominação masculina.

Emancipar-se seria uma obra da mulher pela mulher. Emancipar-se era antes de tudo uma questão moral, de liberdade, liberdade do homem, liberdade da sociedade opressora e acima de tudo a construção de uma nova mulher; o desabrochar da mulher como revolucionária, como detentora do seu próprio destino, consciente de sua função na sociedade libertária. A emancipação da mulher não se resumia à igualdade entre os sexos, mas à libertação de homens e mulheres dos poderes político (Estado), econômico (capitalismo) e religioso (Igreja) todos responsáveis pela sua escravização material e moral.

Para compreensão do movimento de mulheres libertárias é necessário ter em mente que essas não se limitavam a querer direitos iguais e a se emancipar, mas a serem respeitadas da forma que escolhessem viver.

IV. Palavras finais...

Analisando, portanto, as ideias apresentadas no periódico *La voz de la mujer*, é possível perceber que as anarquistas defenderam a emancipação da mulher dos papéis exclusivos de mãe, esposa e dona-de-casa, os quais lhe foram reservados por uma estrutura do tipo patriarcal e redimensionados, posteriormente, por uma organização social burguesa. Dessa forma, lançaram palavras de ordem no sentido de promover a conscientização das mulheres, sem esquecer-se dos homens. Era preciso que a mulher assumisse seu lugar como protagonista da história, de modo a transformar os valores que tradicionalmente a hostilizavam. A emancipação da mulher para as redatoras e colaboradoras do periódico parecia o único meio viável de se construir a “nova mulher” e por consequência o “novo homem” e a “nova sociedade”.

Podemos notar que com o aparecimento do periódico *La voz de la mujer* as libertárias ganham um impulso maior na sociedade argentina, era necessário o surgimento de uma “nova mulher”; a mulher liberta para surgir a mulher libertária.. Toda essa transformação social e moral só seria possível com a adoção da Anarquia como ideal e projeto de vida. Nesse processo de conscientização de si mesma e da sua situação na sociedade, a mulher enriquecia as discussões do movimento anarquista e agregava a ele novas forças para consolidação do mesmo.

V. Fontes e Referências

Fontes:

La voz de la mujer. Buenos Aires, 1896-1897. 9 exemplares

Referências:

Kropotkin, Piotr. *A Conquista do Pão*. Rio de Janeiro: Achimé, 2011.

Lobato, Mirta Zaida. *Entre la protección y la exclusion: Discurso maternal y proteccion de la mujer obrera argentina, 1890-1934*. In: Suriano, Juan. *La cuestion social en Argentina, 1870-1943*. Buenos Aires: Editorial La Colmena, 2000.

_____. *Mujeres obreras, protesta y acción gremial en la Argentina: los casos de la industria frigorífica y téxtil de Berisso*. In: Barrancos, Dora. *Historia y género*. CEAL: Buenos Aires, 1993.

Martins, Angela Maria Roberti. *Cancioneiro Libertário: das ideias às representações. Uma análise do anarquismo na perspectiva do gênero*. Dissertação (Mestrado), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

_____. Matos, Maria Izilda Santos de. *Meio anjo, meio demônio: representações do feminino na iconografia anticlerical libertária*. In: *Projeto História*, São Paulo, nº35, p.161-177, dez. 2007.

Molyneux, Maxine. *Ni Dios, Ni Patrón, Ni Marido: Feminismo anarquista en la Argentina del siglo XIX*. In: *La voz de la mujer- Periódico Comunista-Anárquico*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997.

Suriano, Juan. *Anarquistas: Cultura y política libertaria en Buenos Aires, 1890-1910*. Mantial: Buenos Aires, 2004.